



CORPO, MATERNIDADE E TRAVESSIA: NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DO SENTIR MATERNO

Body, motherhood, and traversal: an autobiographical narrative of maternal feeling

Nathália Moreira NUNES

Programa de Pós-Graduação em Educação em
Ciências na Amazônia (PPGEEC)
Universidade do Estado do Amazonas
Manaus, Brasil

nmn.mca25@uea.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-3485-5504> 

José Vicente de Souza AGUIAR

Programa de Pós-Graduação em Educação em
Ciências na Amazônia (PPGEEC)
Universidade do Estado do Amazonas
Manaus, Brasil

jvicente@uea.edu.br

<https://orcid.org/0000-0001-7754-1620> 

Mais informações da obra no final do artigo ●

RESUMO

Este texto é uma travessia escrita a partir do corpo. Por meio de uma narrativa autobiográfica, busca compreender a maternidade como experiência vivida, sentida e transformadora. Do anúncio da gestação ao parto, do puerpério ao crescimento do filho, o corpo revela-se como território de mudanças, afetos e aprendizagens. Entre o cuidado, o trabalho docente e a vida acadêmica, a mulher reinventa modos de existir, habitando tempos fragmentados e múltiplos. Inspirado em perspectivas que compreendem o corpo como lugar de experiência e relação, o estudo evidencia que maternar é um processo contínuo, atravessado por fragilidades, forças e resistências. Assim, a maternidade não se encerra no nascimento, mas se prolonga como uma travessia em que o corpo aprende, sente e se reconstrói todos os dias.

PALAVRAS-CHAVE: Maternidade. Corpo. Narrativa autobiográfica.

ABSTRACT

This text is a journey written from and through the body. Through an autobiographical narrative, it seeks to understand motherhood as a lived, felt, and transformative experience. From the first signs of pregnancy to childbirth, from the postpartum period to the child's growth, the body emerges as a territory of changes, affections, and learning. Between care, teaching work, and academic life, the woman reinvents ways of existing, inhabiting fragmented and multiple temporalities. Grounded in the notion and in perspectives that understand the body as a site of experience and relation, this study highlights that mothering is an ongoing process, marked by fragilities, strengths, and forms of resistance. Thus, motherhood does not end with birth but unfolds as a continuous journey in which the body learns, feels, and reconstructs itself every day.

KEYWORDS: Motherhood. Body. Autobiographical Narrative.

INTRODUÇÃO

A maternidade tem sido, historicamente, compreendida como um acontecimento natural da vida das mulheres, frequentemente associada a discursos que a vinculam ao instinto, à abnegação e ao cuidado como atributos femininos inatos. Nas últimas décadas, essa compreensão tem sido ampliada por estudos que reconhecem a maternidade como uma experiência social, histórica, política e corporal, atravessada por relações de gênero, trabalho, afetos e modos de existir. A gestação, o parto e o cuidado cotidiano não se restringem à dimensão biológica, mas constituem experiências que transformam o corpo, reorganizam o tempo, deslocam modos de existir e inauguram novas formas de relação com o mundo.

No contexto brasileiro, diferentes pesquisadoras têm contribuído para essa ampliação do olhar ao compreender a maternidade para além das representações idealizadas construídas socialmente. Iaconelli (2023) problematiza os imperativos que cercam a figura da "boa mãe", evidenciando as tensões entre desejo, cuidado, responsabilidade e autonomia feminina. Em diálogo com a fenomenologia, Peccia (2022) compreende a maternidade como uma experiência corporal produtora de sentidos, em que o contato entre mãe e bebê inaugura novas formas de percepção de si, do outro e do mundo. Na mesma perspectiva, Abreu e Romano (2023) destacam a escrita autobiográfica como possibilidade de tornar visíveis experiências femininas frequentemente silenciadas, reconhecendo as narrativas de si como caminhos de elaboração da experiência e de produção de conhecimento.

Essas reflexões dialogam com a fenomenologia de Merleau-Ponty (2018), que compreende o corpo como condição primeira da experiência, de percepção, sentimento, relação e atribuição de sentidos às experiências. Dessa forma, a maternidade é compreendida como um fenômeno que extrapola a gestação e o parto, estendendo-se ao puerpério, ao manejo do cuidado diário, às dinâmicas familiares, ao trabalho docente e à trajetória acadêmica.

Compreender a maternidade como experiência significa reconhecer a potência da escrita autobiográfica como modo de produzir conhecimento. Ao narrar o vivido, não se apresenta apenas uma história individual, mas uma experiência que se abre ao diálogo com outras mulheres e com questões coletivas que atravessam o materno.

Inspirado na fenomenologia e em autores que compreendem o corpo como lugar primeiro da experiência, este artigo apresenta uma narrativa autobiográfica sobre a maternidade vivida por uma professora e pesquisadora. Ao percorrer a gestação, o

parto, o puerpério, o crescimento do filho e os desafios de conciliar maternidade, docência e vida acadêmica, busca compreender a maternidade como uma travessia corporal, sensível e formativa, evidenciando que o materno produz aprendizagens, deslocamentos e modos singulares de existir. A travessia narrada não pretende universalizar a experiência da maternidade, mas compartilhar um percurso singular que, ao ser vivido e escrito, dialoga com experiências de muitas outras mulheres que habitam os entrelaçamentos entre cuidado, docência e produção de conhecimento.

O CORPO QUE SENTE ANTES DA CHEGADA: SINAIS DE UMA VIDA QUE COMEÇA

*Eu sou cordão umbilical...
Cabeça e coração
E o céu se abre de manhã
Me abrigo em colo, em chão
Todo homem precisa de uma mãe
Zeca Veloso*

Antes mesmo de descobrir a gestação, meu corpo já anunciava, em pequenos sinais, que uma vida estava por vir e que a minha própria vida começaria a se transformar. Esse corpo que sente antes mesmo de compreender pode ser pensado a partir de Merleau-Ponty (2018), ao afirmar que não temos um corpo, nós somos um corpo, e é por meio dele que habitamos o mundo. Assim, a gestação não se anuncia apenas como um fato biológico, mas como uma experiência vivida que atravessa sensações, percepções e afetos.

Essa experiência pode ser percebida como aquilo que nos atravessa antes mesmo de ser plenamente compreendido. Como afirma Larrosa (2002), a experiência é aquilo que nos acontece e nos toca, produzindo marcas no sujeito. O primeiro indício foi o olfato. Os cheiros tornaram-se mais intensos, quase invasivos. Os temperos das comidas, os perfumes e até os aromas que antes me eram agradáveis passaram a incomodar. Tudo parecia mais forte. Aquilo que eu gostava tornou-se desagradável ao meu sentido olfativo. Vieram as náuseas, as ânsias de vômito, e logo em seguida o silêncio da menstruação.

A confirmação da gestação chegou por meio do sangue. No meu sangue, agora, já corria o DNA de outra pessoa. Um outro corpo começava a se formar dentro do meu. Foi nesse momento que senti algo difícil de nomear: uma mistura de espanto, incredulidade e responsabilidade. Durante muito tempo, meninas são educadas socialmente para imaginar esse momento — brincar de boneca, cuidar, projetar futuros. Ainda assim, quando ele chega, parece impossível acreditar.

O primeiro pensamento foi: será que darei conta?

Eu não sabia como criar outra vida. Como funciona ser mãe? Onde se aprende? Não existe manual de instruções. Vieram sentimento de impotência, medo, insegurança. Arrepios percorriam meu corpo diante da dimensão do que estava por vir.

Busquei compreender, estudando, o que eu deveria comer, pensar, escutar, ler, falar e expressar para que aquele bebê em formação pudesse se desenvolver de maneira saudável. Meu corpo passou a ser, ao mesmo tempo, casa, abrigo e território de cuidado.

A primeira mudança foi na alimentação. Passei a consumir mais frutas e verduras orgânicas, tentando oferecer ao corpo tudo aquilo que pudesse nutrir a vida que crescia em mim. Em seguida, iniciei a prática de exercícios físicos e procurei desacelerar o ritmo da minha vida, era preciso desacelerar. Até então, minha rotina acadêmica era intensa, e o trabalho como professora exigia muito de mim. Nesse momento, o corpo deixou de ser apenas biológico e passou a ser vivido como experiência. Como propõe Bergson (2006), o tempo vivido não é cronológico, mas duração — um fluxo contínuo de sensações e transformações.

Foi quando a vida foi dividida entre as atividades de professora, que dedicava cuidados pedagógicos às crianças com uma criança que habitava o meu corpo, nessa experiência de maternar. Aos poucos fui reduzindo o ritmo, aprendendo que, durante a gestação, era necessário diminuir. Instruída por um saber que me dizia, é necessário cuidar da vida em formação nesse momento em que meu corpo estava sensivelmente envolvido nessa experiência de existir maternar.

Comecei também a conversar com o bebê. Escutava músicas mais brandas, regionais, poéticas, lia livros em voz alta, fazia perguntas, imaginava respostas. Interagia com um ser que eu ainda não conhecia, mas que já habitava profundamente meu corpo e meus pensamentos.

Nos primeiros meses, os enjoos eram intensos. Meu corpo parecia estranhar a mudança. Depois, pouco a pouco, foi se acostumando com aquela nova condição. Ganhei peso, novos contornos corporais surgiram. Meus pés ficaram inchados e a barriga começou a marcar-se com as cicatrizes que tantas mulheres conhecem: as estrias, sinais de que a pele se esticava para abrigar o crescimento de uma nova vida.

Mas, ao mesmo tempo, outras transformações aconteciam: meu cabelo cresceu, ganhou volume e força; as unhas tornaram-se mais firmes. Era como se o corpo estivesse reorganizando suas energias para sustentar aquela gestação.

Muitas vezes sentia vontade de exagerar na alimentação. Meu corpo dava sinais que precisava de mais energias. À medida que o bebê crescia, vieram as câimbras, a falta de ar, as dificuldades para dormir. Os seios começaram a se preparar para a amamentação, enchendo-se de leite antes mesmo do nascimento. As costas doíam e o descanso tornava-se cada vez mais difícil.

Também meu modo de vestir mudou. Muitas roupas deixaram de servir. Os saltos altos foram sendo substituídos por calçados confortáveis. Aquilo que antes representava um modo de ser e sentir-se bem começou a perder espaço diante de algo mais importante: o conforto e o cuidado com o corpo que gestava. A vida que crescia em meu corpo já não dizia respeito apenas a mim; eu agora era responsável por aquela vida que maternava. A maternidade, ainda antes do nascimento, trouxe um turbilhão de sentimentos. Emoções misturadas, rupturas silenciosas. A mulher que eu era começava a se transformar na mãe que eu me tornaria.

E nessa travessia, algo essencial acontecia: eu já não pensava apenas em mim. Pensava naquele pequeno bebê que ainda tinha toda uma vida pela frente. Tudo o que estivesse ao meu alcance para que ele tivesse uma vida melhor e mais saudável, eu faria, mesmo que isso significasse renunciar a confortos, enfrentar desconfortos e reorganizar completamente minha própria vida. Era como se meu corpo estivesse aprendendo, pouco a pouco, que maternar também é um modo profundo de sentir o mundo.

O CORPO QUE SENTE O PARTO

Um pouco antes do parto, o corpo treme de ansiedade. Os dias passam lentamente e a hora mais aguardada se aproxima. Há uma grande expectativa sobre a dor. Todos falam sobre ela. A dor do parto parece anteceder o próprio parto, narrada por outras mulheres, imaginada pelo corpo, anunciada nas conversas, nas histórias e nos avisos. O parto pode ser compreendido como um acontecimento que escapa à racionalidade. Um saber do corpo que se impõe. Nesse sentido, o corpo se torna ação e movimento no mundo, como sugere Ingold (2015), ao afirmar que viver é estar em fluxo, em constante transformação e relação com o ambiente. Até que ela chega — primeiro devagar. Contrações leves começam a surgir e, pouco a pouco, tornam-se mais intensas. O corpo compreende o que está acontecendo antes mesmo que a mente consiga organizar os pensamentos. Há uma sabedoria silenciosa que conduz esse momento. O corpo começa a abrir caminhos.

As contrações aumentam. O ritmo muda. O corpo já não é apenas abrigo, agora ele se prepara para apresentar ao mundo a vida que durante meses foi gestada em seu interior. Já não há mais espaço. O corpo precisa se abrir. Surge uma sensação de ardência. As pernas ficam trêmulas. Já não há controle racional sobre o que acontece. A natureza segue seu curso, fazendo o trabalho antigo e milenar de trazer vidas ao mundo.

O parto parte. Parte em dois o corpo que antes era um. Suor escorre pelo rosto. O cansaço chega. A respiração fica curta, às vezes falta ar. A voz sai trêmula. Os seios inchados, a barriga ardendo. O corpo inteiro trabalha. Cada músculo participa desse acontecimento.

Um corpo pariu.

Deu à luz.

Respira.

Nesse momento, o corpo deixa de ser apenas suporte e torna-se acontecimento. Para Merleau-Ponty (2018), o corpo é o lugar primeiro da experiência, aquilo que nos coloca em relação com o mundo. No parto, essa relação se intensifica: o corpo sente, age, responde e cria, em um movimento que escapa à racionalidade e se inscreve na ordem do vivido.

Por um instante, tudo parece suspenso. Surge uma leve tontura. As vozes ao redor tornam-se distantes, quase abafadas. A visão fica embaçada, como se o mundo inteiro estivesse se reorganizando naquele instante. Senti um rebuliço ao redor. Escutei o primeiro choro. Enquanto isso, as mãos da equipe médica seguem trabalhando. Foi o momento de recomposição do corpo que maternizou com as costuras que atravessaram o abdômen ainda sensível pela experiência do ato de maternar. A dor atravessa o corpo, mas naquele momento ela já não ocupa o centro da experiência. O que se impõe é o vínculo.

E, nesse primeiro encontro, evidencia-se aquilo que Larrosa (2002) aponta: a experiência não é explicada, mas sentida — e, sobretudo, transformadora.

Mesmo em meio à fragilidade do corpo recém atravessado pelo parto, nasce também uma força inesperada: o desejo profundo de cuidar, proteger e amar aquele pequeno ser que acaba de chegar ao mundo.

A maternidade, naquele instante, revela sua potência. Quando colocam o bebê em meu colo, o mundo parece suspender o tempo por um instante. Entre o cansaço do parto e a respiração ainda descompassada, sinto o primeiro cheiro que vem do seu

corpo. Um cheiro quente, vivo, profundo, um cheiro que parece vir do âmago da vida. Um cheiro impossível de esquecer.

Meu corpo reconhece aquele pequeno corpo antes mesmo que qualquer pensamento se forme. Como se já conhecessem há muito tempo. Os meses de gestação tecidos em silêncio revelaram um vínculo que agora finalmente se materializava.

Naquele encontro primeiro, algo se abre dentro de mim. Entre o suor, o cansaço e a fragilidade do corpo recém atravessado pelo parto, nasce também uma força inesperada. Uma força que não vem da razão, mas do cuidado, do afeto e da vida que agora pulsa fora de mim.

Nesse primeiro toque, nesse primeiro cheiro, nesse primeiro olhar, que compreendo que algo em mim também nasceu. Não foi apenas o bebê que veio ao mundo. Uma mãe também nasceu ali, naquele momento em que viu e sentiu sua cria. A maternidade se revelou e floresceu.

O CORPO QUE AMAMENTA: O PUERPÉRIO E A RECONSTRUÇÃO DE SI

O puerpério é, talvez, o tempo em que o corpo materno mais sente. Trata-se de um corpo atravessado por múltiplas dimensões — físicas, emocionais e simbólicas. Como propõe Merleau-Ponty (2018), o corpo é sempre um corpo em situação, marcado pelas relações que estabelece com o mundo. No puerpério, essa condição torna-se ainda mais evidente: o corpo da mulher se reorganiza enquanto sustenta, alimenta e cuida de outra vida. O corpo sente. A mente também. Sente no silêncio da madrugada, no choro do bebê, no medo constante de não dar conta. Psicologicamente, surgem pensamentos que atravessam o coração da mãe recém-nascida: será que vou conseguir cuidar dessa vida tão pequena? O medo aparece em muitas formas — medo de doenças, de engasgos, de quedas, de insetos que possam se aproximar daquele corpo tão frágil. O bebê parece pequeno demais diante do mundo.

Falta tempo para dormir, para comer, para cuidar de si mesma. E, ainda assim, é preciso estar inteira para cuidar do bebê. As noites se transformam em vigílias silenciosas e nesse cenário o corpo também fala através da dor.

Os seios ficam cheios, pesados, transbordando leite e amor. Surgem rachaduras, ardência, uma dor profunda enquanto o bebê aprende a pegar corretamente na amamentação. É um aprendizado compartilhado entre dois corpos que também estão nascendo juntos naquele momento.

Quanto mais leite sai, mais o corpo produz. Os seios parecem sentir a fome que o bebê sente. Há uma comunicação silenciosa entre os dois.

As olheiras marcam o rosto. O corpo já não é o mesmo de antes. Tudo parece fora do lugar: a barriga ainda sensível, os músculos cansados, as emoções à flor da pele. O corpo materno carrega as marcas da travessia da maternidade. O bebê não quer mais ninguém e a mãe também já não pode sair desse lugar.

Esse processo revela aquilo que Hirata e Kergoat (2007) denominam divisão sexual do trabalho — em que o cuidado é socialmente atribuído às mulheres. Entre mamadas, fraldas, choro e sono interrompido, é preciso ainda lidar com os afazeres da casa e as demandas do cotidiano. A intensidade do trabalho de professora-mãe bate no corpo da mulher.

O cansaço chega. Às vezes, o choro também. O corpo sente dor, frustração, medo, insegurança, sono, amor, realização e completude, tudo ao mesmo tempo. Sentimentos que se entrelaçam e se confundem, formando o tecido complexo da experiência materna.

O puerpério é esse tempo de travessia. Um tempo em que o corpo ainda se refaz do parto enquanto aprende, dia após dia, a cuidar de outra vida.

O CORPO MATERNO: APRENDENDO COM O FILHO QUE CRESCE

Depois de todo o processo confuso, silencioso, assustador e perturbador que atravessa a mente materna durante o puerpério, algo começa, pouco a pouco, a se reorganizar. A mãe aprende. A vida ensina. E o corpo vai encontrando novos modos de habitar a maternidade. O que antes parecia apenas sobrevivência cotidiana transforma-se, lentamente, em experiência incorporada. Aprende-se a sustentar o choro sem desabar, a reconhecer necessidades sem palavras, a acolher outro corpo enquanto se tenta recompor o próprio.

Esse movimento de aprendizagem contínua revela que o corpo não é fixo, acabado ou estável, mas processual. Ele se forma e se transforma nas relações que tece com o mundo. Como aponta Ingold (2015), viver é um processo contínuo de formação, um constante tornar-se. Maternar, nesse sentido, também é tornar-se. Não há mãe pronta. Há uma mulher que aprende, tropeça, refaz caminhos e se reconstrói na experiência cotidiana do cuidado.

Maternar é sentir e, nesse contexto, também produzir conhecimento. Um saber encarnado no corpo, tecido nas repetições dos dias, nas tentativas, nos erros e nas

delicadezas. Um saber que raramente é reconhecido como conhecimento legítimo pelas estruturas sociais, acadêmicas ou institucionais, ainda marcadas pela valorização do produtivismo e da racionalidade abstrata. No entanto, há inteligência no cuidado, conhecimento no afeto, pedagogia no gesto repetido de consolar, alimentar, escutar e acompanhar o crescimento de uma criança.

Aquele corpo tão pequeno, que no início parecia frágil demais para o mundo, passa a preencher os dias com gestos, descobertas e afetos. Aos poucos, aprendemos a lidar com ele, a compreender seus choros, suas necessidades e seus silêncios. O amor que nasce nesse processo não é apenas um sentimento imediato ou espontâneo; ele é construído nas pequenas rotinas do cotidiano, nas madrugadas acordadas, nas mãos que embalam, nas vozes que acalmam e nas presenças insistentes que permanecem mesmo quando o cansaço atravessa tudo.

Maternar é sentir: sentir carinho, cuidado, esforço e atenção dedicados a uma vida que veio de dentro de você, ou para você, e que, ao mesmo tempo, passa a existir como um outro no mundo. Maternar é aprender a deslocar o centro de si, percebendo que, muitas vezes, a própria felicidade se reorganiza a partir do bem-estar do outro.

Esse sentir não é apenas interno, mas profundamente relacional. Para Merleau-Ponty (2018), o corpo é também aquilo que nos conecta ao outro, permitindo uma comunicação sensível que antecede a linguagem. Assim, na relação entre mãe e filho(a), o cuidado se constrói no gesto, no toque, no olhar, na respiração compartilhada, na presença silenciosa entre corpos que se reconhecem.

Há um prazer profundo em acompanhar cada pequena conquista. Cada gesto simples se transforma em acontecimento. Mamou direito em todos os horários. Dormiu tranquilo. Arroto depois da mamada. Fez suas necessidades. Começou a engatinhar. Depois tentou se levantar. E, um dia, finalmente deu seus primeiros passos.

Cada uma dessas pequenas evoluções parece iluminar o cotidiano. A maternidade passa, então, a constituir-se também como um exercício de observação sensível da vida que cresce diante de nossos olhos. Aprende-se a perceber o extraordinário naquilo que, socialmente, muitas vezes é reduzido a um trabalho banal ou invisibilizado. As mulheres que optam por dedicar parte de suas vidas ao cuidado materno foram, historicamente, vistas de forma pejorativa, como incapazes ou restritas ao lugar de “donas do lar”, desconsiderando a complexidade afetiva, ética e formativa presente nesse tempo da vida. No entanto, há profundidade e valor nesse cotidiano do cuidado: um dente que nasce, uma palavra mal pronunciada, um desenho oferecido com orgulho, um abraço inesperado ao final do dia. Esses acontecimentos aparentemente simples precisam ser

reconhecidos como experiências significativas, pois neles se revela a potência de formar vidas e de transformar quem cuida.

Mas esse caminho não é feito apenas de alegrias. Também sentimos frustração quando algo não acontece como esperamos. Quando a criança adoece. Quando o desenvolvimento não acontece no tempo imaginado. Quando o cansaço se acumula e a insegurança retorna. Quando o mundo cobra desempenho da criança e perfeição da mãe. Quando se exige que o filho cresça no tempo certo e que a mulher saiba tudo desde sempre.

Nesse momento, um sentimento aparece com frequência na experiência materna: a culpa.

Culpa por não saber tudo.

Culpa por não conseguir fazer mais.

Culpa por sentir cansaço.

Culpa por desejar descanso.

Culpa por duvidar de si.

Culpa por continuar sendo mulher para além da maternidade.

A culpa, muitas vezes, não nasce apenas de dentro. Ela é socialmente produzida. Alimenta-se de discursos idealizados sobre a “boa mãe”, de comparações permanentes, de exigências contraditórias e de uma cultura que responsabiliza individualmente as mulheres por tudo aquilo que deveria ser compartilhado coletivamente.

A maternidade, assim, carrega um peso silencioso que acompanha tantas mulheres. E, entre tantas reflexões que atravessam a mente de uma mãe, uma pergunta guia o materno: que ser humano estou ajudando a formar para o mundo?

Essa pergunta nos acompanha nos gestos mais simples do cotidiano. Na maneira como falamos. Na forma como acolhemos. No modo como ensinamos sobre o respeito, o cuidado, a escuta e o amor. Talvez seja justamente nesse processo que a maternidade revele sua dimensão mais profunda: ela nos ensina, todos os dias, a cuidar não apenas de uma criança, mas também do futuro que ela levará consigo.

Educar um filho é também intervir no mundo.

É semear valores em tempos difíceis.

É ensinar delicadeza em tempos violentos.

É insistir na ternura em meio à pressa.

É cultivar humanidade onde tantas vezes se naturaliza a indiferença.

No meio dessa travessia, descobrimos que o prazer materno não está apenas nos grandes momentos. Ele habita os detalhes do cotidiano. Está em cada brincadeira

compartilhada. Em cada sorriso inesperado. No abraço apertado ao final do dia. Nos gestos de afeto que nascem espontaneamente entre mãe e filho. No chamado de “mamãe” dito entre sono e confiança.

São nesses pequenos encontros que o amor se confirma e entre aprendizados, dúvidas, alegrias e cuidados, o corpo continua a maternar.

Um corpo que já não é o mesmo de antes, mas que segue aprendendo, dia após dia, a acompanhar o crescimento de outra vida, enquanto também se transforma junto com ela.

A VIDA ACADÊMICA E O MATERNAR: ENTRE TEMPOS PARTIDOS E REINVENÇÕES POSSÍVEIS

A vida acadêmica e o maternar, quando se cruzam no corpo da mulher, revelam um dos desafios mais silenciosos da contemporaneidade. Trata-se de uma travessia nem sempre reconhecida institucionalmente, pouco compartilhada socialmente e, muitas vezes, vivida na solidão. Escrever sobre esse encontro entre maternidade e formação acadêmica é também um gesto político, pois torna visível aquilo que historicamente permaneceu relegado ao espaço privado: o trabalho do cuidado, o cansaço invisível e os rearranjos cotidianos exigidos das mulheres.

Depois dos meses de licença-maternidade, a mulher, agora recém-mãe, retorna àquilo que, antes, era sua vida. Mas a pergunta permanece: volta-se, de fato, à vida de antes? O corpo responde que não.

Esse retorno evidencia a incompatibilidade entre o tempo do cuidado e o tempo produtivo. Como discutem Araújo e Scalón (2006), as práticas sociais ainda mantêm desigualdades profundas na divisão das responsabilidades familiares, fazendo com que o cuidado continue recaindo majoritariamente sobre as mulheres. Assim, retornar ao trabalho ou aos estudos não significa retomar uma rotina anterior, mas aprender a existir em outra lógica de tempo.

No espaço de trabalho, o corpo já não está inteiro ali. Ele sente, a todo instante, que sua cria o chama, precisa de quem o maternou. Pede colo, abrigo, presença. Há uma espécie de deslocamento invisível: enquanto o corpo ocupa a sala de aula, uma parte dele permanece com o bebê. O pensamento se divide, a atenção se reparte, o coração habita dois lugares ao mesmo tempo.

A docência, antes central, passa a dividir espaço com outra dimensão da existência. Já não é apenas o trabalho que exige atenção, planejamento e entrega. A

maternidade atravessa o cotidiano e reposiciona prioridades. Aquilo que antes era exclusivo agora se torna compartilhado. Nesse processo, a vida retorna ao compromisso docente e ao projeto de mulher pesquisadora em formação, mas não da mesma forma que antes.

A mulher que escolheu uma profissão continua sendo professora. A mulher que decidiu seguir na vida acadêmica permanece estudante, pesquisadora, alguém em processo de formação. A pós-graduação, recém-iniciada, exige leituras, escritas, reflexões, produção intelectual. Exige tempo. Mas o tempo já não é o mesmo.

O retornar não se realiza em separação com a vida gerada no maternar.

O tempo agora é fragmentado. Interrompido. Atravessado por choros, cuidados, brincadeiras e demandas inesperadas. Lê-se um artigo entre uma mamada e outra. Escreve-se um parágrafo enquanto a criança dorme. Participa-se de reuniões carregando o cansaço da noite mal dormida. Há uma sensação constante de não dar conta. De estar sempre em falta com alguma coisa: com o filho, com o trabalho, com os estudos e, por vezes, consigo mesma. A experiência narrada até aqui também se faz presente nas reflexões de Abreu e Romano (2023, p. 329), que, ao discutirem a articulação entre maternidade e produção artística, descrevem com sensibilidade o tempo fragmentado vivido por tantas mulheres:

Trabalho ouvindo seus infinitos e amorosos chamados, parando para atendê-la, servindo-lhe comida, fazendo um dengo, beijando o dodói. Trabalho durante a noite, depois que a bebê dorme, quando eu também gostaria de estar dormindo. Anoto ideias no celular, na sala de espera do consultório médico. Abro o bloco de notas no meio da madrugada, depois de me levantar para amamentar e perder o sono. Envio áudios para mim mesma enquanto dirijo o carro, para não deixar aquela frase se perder. Aproveito qualquer pequeno intervalo de tempo, porque sei que não posso esperar por algum período mais longo de concentração.

Há momentos em que maternar parece quase impossível diante de um mundo que exige produtividade contínua, metas, prazos e desempenho mensurável. A universidade, assim como outras instituições, nem sempre reconhece os ritmos do cuidado, as pausas necessárias ou os tempos próprios da maternidade.

No entanto, a maternidade também produz deslocamentos fecundos. Ela ensina a urgência do essencial. Reorganiza prioridades. Afina a escuta. Humaniza o olhar. Faz perceber que o conhecimento também pode nascer do corpo cansado, da experiência vivida, das noites atravessadas e dos afetos que sustentam a permanência.

A maternidade se entrelaça nas pequenas continuidades do cotidiano: entre uma aula e outra, entre uma leitura interrompida, entre uma noite mal dormida e um

amanhecer apressado. A força para continuar nasce do cuidado pelo filho — um cuidado que ressignifica a vida, reorganiza sentidos e amplia a compreensão sobre o mundo.

Mas esse amor não apaga a mulher que sonha. A mulher que planeja sua trajetória de pesquisadora não desaparece ao tornar-se mãe. A mulher que escolheu uma profissão não desiste dos seus caminhos. A mulher que iniciou sua trajetória acadêmica não abandona seus estudos. O que acontece é uma reinvenção: uma tentativa diária de conciliar mundos que, muitas vezes, parecem inconciliáveis.

Essa escrita, portanto, é política porque recusa o silêncio. Recusa a ideia de que a maternidade deve permanecer invisível no currículo, nas instituições e nos espaços de produção do conhecimento. Recusa também a noção de que a mulher precisa escolher entre cuidar e pensar, entre amar e produzir, entre o filho e o futuro.

A mulher não abandona seus sonhos. Ela os reinventa. E, ao reinventá-los, também transforma os espaços que habita.

CORPO-CRIAÇÃO: QUANDO O PAI APRENDE A MATERNAR

A paternidade, ao que me parece, nasce no instante do encontro. Quando o pai segura o filho pela primeira vez, algo se inaugura. Antes disso, durante a gestação, a vida ainda parece distante, quase abstrata, como se o que cresce no ventre ainda não se inscrevesse plenamente em seu corpo e em sua experiência.

Diferente da maternidade, que se constrói no corpo desde os primeiros sinais, a paternidade parece precisar do toque, do olhar, do peso daquele pequeno corpo nos braços para ganhar sentido.

O tempo do pai, no entanto, é curto. Foram apenas cinco dias para estar presente de forma mais contínua, para auxiliar nos primeiros cuidados, para compartilhar a chegada dessa nova vida. Depois disso, o trabalho o chama de volta e lhe impõe a separação do acompanhamento de quem foi maternado.

Sua presença se fez compartilhada nos gestos possíveis.

Nas madrugadas em atenção à vida pequena.

No cuidado com o bebê após as amamentações.

Nas roupas pequenas lavadas com atenção.

Enquanto o corpo da mãe se dedicava integralmente ao filho.

Durante o percurso, o pai tomou uma decisão rara: renunciou ao emprego para se dedicar integralmente ao bebê. Um gesto que desloca expectativas sociais e inaugura

outra forma de viver a paternidade. Ao escolher permanecer, cuidar e estar presente, ele também atravessou a experiência do corpo que sente o outro.

Nesse vínculo afetivo mais próximo que a paternidade começou, de fato, a se constituir.

No cotidiano do cuidado — alimentar, brincar, embalar o sono, dormir agarrado, nasceu uma relação que não se limita à ideia tradicional de paternidade, mas que se aproxima do gesto de maternar. Um cuidado que exige presença, escuta, tempo e entrega.

O pai também aprendeu a maternar no seu limite de corporeidade pai. E, nesse aprender, o afeto se inscreveu no corpo. A criança passou a reconhecer esse corpo como abrigo, como companhia, como lugar de segurança. Aos poucos, foi incorporando seus gestos, seus modos de ser — nas músicas, nos livros, nos pequenos hábitos do dia a dia. Como se, nesse convívio intenso, os corpos passassem a se espelhar. Criou-se uma sintonia.

Se, no início, enquanto bebê, a preferência era pela mãe — pelo corpo mais próximo, pelo leite, pelo tempo contínuo — agora se modifica. Com o crescimento, a criança passa a escolher também o pai. Busca seu colo, seu cuidado, sua presença. E, em muitos momentos, o prefere.

Não como substituição, mas como expansão do afeto. Pois o vínculo se fez no tempo, no corpo, no cuidado compartilhado.

Dessa forma, a paternidade revela-se não apenas como um lugar dado, mas como uma experiência construída — uma travessia que, assim como o maternar, se aprende no encontro, na permanência e na disposição de estar. Uma relação que não nasceu pronta, porém se construiu, pouco a pouco, no encontro com a vida que chegou e transformou os corpos, os sentimentos, a vida.

CONSIDERAÇÕES

*Meu corpo virou rio
de correnteza mansa e, às vezes, cheia
carregando no ventre
e depois nos braços
a vida que aprendeu a nadar em mim*

*Entre banheiros de cansaço
e enchentes de amor
vou aprendendo o tempo das águas
o tempo de esperar
o tempo de cuidar*

*Ser mãe amazônida é escutar a floresta dentro do peito
aprendendo que a vida cresce bem devagar
como raiz em terra molhada*

*E assim sigo
corpo-rio, corpo-casa
maternando entre águas
que nunca são as mesmas*
Autores, 2026.

Esta narrativa de experiência de maternar a partir do corpo consiste em revisitar uma travessia. Uma travessia feita de sensações, de transformações e de aprendizados que atravessam a pele, os pensamentos e os afetos. Ao longo desta narrativa, procurei escutar o corpo que sentiu, o corpo que anunciou a chegada da vida, o corpo que se abriu no parto, o corpo que se refaz no puerpério, o corpo que continua a maternar enquanto o filho cresce e o corpo maternal entrelaçado às exigências do trabalho de professorar e da vida acadêmica. Um corpo que não é objeto, mas experiência. Para Merleau-Ponty (2018), é pelo corpo que existimos no mundo, e é nele que a vida se torna sensível e significativa. A maternidade, nesse sentido, não se reduz a um acontecimento, mas se revela como uma travessia vivida no e pelo corpo — um corpo que sente, que aprende, que se transforma e que continua.

A maternidade, nesse percurso, não se apresentou como um estado fixo, mas como um processo contínuo de transformação. Um processo que desloca a mulher de si mesma, que reorganiza prioridades, que questiona o tempo e que exige novas formas de viver a vida. Entre a gestação, o parto, o puerpério e o crescimento do filho, o corpo materno aprende a sustentar não apenas uma vida, mas múltiplas dimensões da existência.

Nesse sentido, a travessia materna também se inscreve na relação com o trabalho e com a vida acadêmica. O retorno às atividades profissionais e aos estudos não representa um retorno ao que era antes, mas a construção de novos modos de ser. Modos atravessados pelo cuidado, pelo cansaço, pela fragmentação do tempo, mas também pela potência de continuar. Maternar, então, torna-se um exercício de reinvenção cotidiana.

Talvez seja justamente nessa travessia que reside a potência da maternidade: um processo que não se encerra no nascimento do filho, mas que se desdobra como uma travessia contínua. Uma travessia em que o corpo se reconstrói, a mulher-mãe professora vai tecendo possibilidades de existir. Não sem conflitos, não sem culpas, mas com a força que nasce do vínculo com o filho e do desejo de não abandonar a si mesma.

Ao olhar para essa experiência, compreende-se que o corpo materno não é apenas um corpo que gera vida. Ele é um corpo que sente, que aprende, que resiste e que se reconstrói. Um corpo que, mesmo atravessado por fragilidades, encontra maneiras de seguir. Um corpo mulher-professora, um corpo-mulher-pesquisadora que fez a travessia para se tornar professora, mãe e pesquisadora com a determinação de uma mulher que luta, que enfrenta as dificuldades que atingem meu corpo e os corpos das outras mulheres, que, muitas vezes, tem suas atenções voltadas para a vida profissional e de cientista e para o âmbito da vida privada, quando lhe são impostos os cuidados com as coisas da casa. Nesse sentido, o corpo materno revela-se como corpo-território que sente, que cria, que sustenta e que se reconstrói.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. Gênero e a distância entre a intenção e o gesto. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 21, n. 62, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092006000300003>. Acesso em: 02 fev. 2026.

BERGSON, Henri. **Memória e vida**. Textos escolhidos por Gilles Deleuze. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 fev. 2026.

IACONELLI, Vera. **Manifesto antimaternalista**: psicanálise e políticas da reprodução. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**. Petrópolis: Vozes, 2015.

LAMBERTI DE ABREU, Mariela; VIEIRA ROMANO, Lucia Regina. Mãe-Artista: reflexões sobre autobiografia e maternidade na cena teatral contemporânea. **Revista Científica/FAP**, Curitiba, v. 29, n. 2, p. 309-336, 2023. DOI: [10.33871/19805071.2023.29.2.8040](https://periodicos.unespar.edu.br/revistacientifica/article/view/8040). Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/revistacientifica/article/view/8040>. Acesso em: 11 fev. 2026.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em 05 de mar. 2026.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura, 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

PECCIA, Laís Folha. **Um "clique" de maternidade**: contato pele a pele na construção de sentidos da maternidade. 2022. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. DOI: [10.11606/D.6.2022.tde-07062022-170752](https://doi.org/10.11606/D.6.2022.tde-07062022-170752). Acesso em 01 de abr. 2026.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

Corpo, maternidade e travessia: narrativa autobiográfica do sentir materno
Body, Motherhood, and Traversal: An Autobiographical Narrative of Maternal Feeling

Nathália Moreira Nunes

Especialista em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional
Mestranda pelo Programa de e Pós-Graduação
em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC)
Universidade do Estado do Amazonas
Manaus, Brasil

nmn.mca25@uea.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0002-3485-5504>

José Vicente de Souza Aguiar

Doutorado em Educação
Professor do Curso de Pedagogia
Programa de e Pós-Graduação
em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC)
Universidade do Estado do Amazonas
Manaus, Brasil

jvicente@uea.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0001-7754-1620>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua- Araçá da Praia, n 212, CEP: 69093107, Manaus, AM, Brasil.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de apoio à Pesquisa do Estado do Amazonas- FAPEAM.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: N. M. Nunes, J. V. S. Aguiar

Coleta de dados: N. M. Nunes

Análise de dados: N. M. Nunes, J. V. S. Aguiar

Discussão dos resultados: N. M. Nunes, J. V. S. Aguiar

Revisão e aprovação: N. M. Nunes, J. V. S. Aguiar

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO

Recebido em: 16-04-2026 – Aprovado em: 31-07-2026 – Publicado em: 12-10-2026